

## **Análise das notícias sobre Piquiá de Baixo no Jornal Nossa Voz<sup>1</sup>**

Michely da Silva ALVES<sup>2</sup>

Roseane Arcanjo PINHEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Nayane Cristina Rodrigues de BRITO<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

Este artigo busca compreender a cobertura jornalística do jornal alternativo *Nossa Voz* em relação à luta pelos direitos da comunidade de Piquiá de Baixo, de Açailândia-MA. Realizou-se análises de vinte e quatro matérias, de nove edições do informativo, dos anos 2007, 2008, 2009 e 2010. Entre os conceitos teóricos optamos pelas propostas de Cook (2011) sobre o jornalismo político; a batalha ideológica nas mídias, na ótica de Moraes (2017); na verificação de comunicação alternativa e comunitária, trabalhamos com os estudos de Peruzzo (2009); e ainda as percepções de Bosi sobre a memória coletiva (1994). O método utilizado foi a Análise de conteúdo através das orientações de Bardin (2011), o estudo também usou a técnica de Análise documental. Para as análises elegemos as seguintes categorias: enquadramento, fontes e gêneros jornalísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Jornal *Nossa Voz*; Piquiá de Baixo; Direitos; Açailândia-MA.

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo desta pesquisa, que está em andamento no Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP), do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA-Imperatriz), é analisar as notícias publicadas pelo jornal *Nossa Voz* sobre as ações empreendidas pela comunidade de Piquiá de Baixo<sup>5</sup> na defesa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT/IJ– Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup>Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e integrante do grupo de pesquisa JOIMP – jornalismo, Mídia e Memória. E-mail: [michelydasilvaalves@gmail.com](mailto:michelydasilvaalves@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e coordenadora do grupo de pesquisa JOIMP – Jornalismo, Mídia e Memória. E-mail: [roseane.ufma@gmail.com](mailto:roseane.ufma@gmail.com)

<sup>4</sup>Doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Grupo de Pesquisa, Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP). Bolsista da FAPESC/SC – Brasil. E-mail: [nayanebritojornalista@gmail.com](mailto:nayanebritojornalista@gmail.com)

<sup>5</sup> A grafia do nome da comunidade inicialmente era grafada com i, porque Piquiá se refere a uma árvore da Amazônia utilizada na indústria moveleira. Com a chegada das siderúrgicas, a palavra também começou a ser grafada com e, possivelmente em alusão ao termo “Petroquímico Pequiá”.

dos seus direitos contra os problemas socioambientais gerados pela instalação do parque siderúrgico no bairro, a partir dos anos 1980. O bairro de Piquiá de Baixo, localizado na cidade de Açailândia-MA é um dos mais antigos do município. As primeiras famílias chegaram nos anos 1960 e a escola mais antiga do local foi fundada em 1974. A partir de 1970 a localidade se expandiu com a vinda de novos moradores atraídos pelas oportunidades de emprego nas serrarias e agricultura. Nos anos 1980 as indústrias siderúrgicas se instalaram no bairro e os moradores iniciaram as mobilizações contra os impactos socioambientais.

A cidade de Açailândia, emancipada em 1987, tem o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do Maranhão, segundo a base de dados do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC)<sup>6</sup>, e a economia local é impulsionada pelo setor siderúrgico. A instalação das siderúrgicas foi consequência da Estrada de Ferro Carajás, uma das maiores mineradoras do mundo, que leva o minério de ferro da Serra dos Carajás, no estado do Pará, para o Porto de Itaqui, em São Luís - MA. Essas indústrias escolheram a cidade e o bairro por diversos motivos, principalmente por causa da localização estratégica.

O jornal *Nossa Voz* começou a circular em 2006, época na qual a comunidade recebeu o apoio da Missão Comboniana, ligada à Igreja Católica, para defender as reivindicações dos moradores. O impresso era direcionado às comunidades urbanas e rurais circunscritas aos trabalhos da paróquia São João Batista, sede da Missão Comboniana, e aos movimentos sociais. O informativo foi inicialmente elaborado pela Associação Frei Tito, em Piquiá de Baixo, mas depois passou a ser produzido pela paróquia citada. Durante oito anos (2006-2014) o jornal, com tiragem de mil exemplares a cada edição, cumpriu com o objetivo de colaborar nas causas socioambientais nos bairros de Açailândia.

No caso de Piquiá de Baixo, o jornal *Nossa Voz* pautava a luta cotidiana que os moradores travavam contra os impactos ambientais, a falta de saneamento e de serviços básicos e todas as demais histórias de dificuldade do local. O impresso colaborou para dar visibilidade à mobilização dos moradores, ajudando na construção de uma história de luta e vitória.

---

<sup>6</sup>Disponível em: [http://imesc.ma.gov.br/src/upload/publicacoes/PIB\\_Municipal\\_2010-2014\\_divulga%C3%A7ao.pdf](http://imesc.ma.gov.br/src/upload/publicacoes/PIB_Municipal_2010-2014_divulga%C3%A7ao.pdf). Acesso em: 10 de abril de 2019.

---

Para o artigo foram realizadas análises de nove edições do jornal dos anos 2007, 2008, 2009 e 2010, somando um total de 24 matérias. A escolha do estudo e a análise do informativo durante esses quatro anos foram, justamente, por ser um período de grande expansão em relação à comunicação alternativa diante dos discursos oferecidos pelo bairro, movimentos sociais e a pela igreja católica contra os interesses por parte das siderúrgicas. As problemáticas sofridas pelos moradores de Piquiá de Baixo ganharam espaço tanto no Jornal impresso *Nossa Voz* quanto no programa *Kairós* transmitido pela Rádio Marconi FM, ambos relacionados à Missão Comboniana, importantes espaços para ecoar as reivindicações da comunidade.

As análises das edições do jornal foram feitas com base na metodologia de Análise de conteúdo. Segundo a definição de Bardin (2011) é “um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2011, p. 15). Logo, se caracteriza como um estudo de natureza descritiva, ao buscar classificar e interpretar os fatos através dos seus parâmetros estatísticos. Utilizamos também a técnica de Análise documental na verificação dos exemplares do *Nossa Voz* disponibilizados no acervo digital organizado pelo Grupo de pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP)<sup>7</sup>, uma observação bastante panorâmica para a compreensão dos fatos históricos. Dessa forma, a técnica de pesquisa pode ser aplicada no discurso, entrevistas, colunas, matérias, ou seja, tudo que compõe os veículos de comunicação.

Para a Análise de conteúdo estabelecemos as seguintes categorias de análise: enquadramento, gêneros e fontes jornalísticas. O enquadramento é sobre o enfoque escolhido pela publicação para narrar o acontecimento e potencializar os aspectos de contextualização. A segunda categoria analisada, os gêneros jornalísticos, integra um sistema de organização do trabalho cotidiano, a partir das estruturas para cada forma, os quais incluem aspectos textuais e distribuição dos formatos (MARQUES DE MELO, 2010, p.48). E a última categoria foi às fontes jornalísticas, que repassam os detalhes dos acontecimentos. Para Schmitz (2010, p. 10), as fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos.

---

<sup>7</sup>O projeto recebeu recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA, entre 2015 e 2017). O endereço é [www.joimp.ufma.br](http://www.joimp.ufma.br)

## **JORNALISMO A PARTIR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

O Jornal *Nossa Voz* tornou-se uma das estratégias para mobilizar a opinião pública e sensibilizá-la para a defesa dos interesses da comunidade de Piquiá de Baixo. Conforme Cook (2011, p. 203), o jornalismo influencia o debate público e pode provocar mudanças na sociedade. “O jornalismo deve ser considerado não só como uma instituição, mas também como instituição política; em outras palavras, os jornalistas são atores políticos”.

O processo de utilizar os meios de comunicação para atender as necessidades da sociedade acontece desde a metade do século XX, quando de alguma forma, passaram a ocupar espaço por meio da popularização – em função do surgimento e desenvolvimento em que os jornais vêm oferecendo ao longo dos anos.

Além de buscar refletir sobre esses fatos, o estudo também discute diferentes movimentos que fizeram com que o jornal analisado dedicasse a cada edição um aprofundamento diferente sobre o caso de Piquiá de Baixo. Dênis de Moraes, no texto “O papel da mídia na batalha ideológica da América Latina” (2016), analisa que uma sociedade de massa utiliza os meios institucionais de comunicação, demonstrando a capacidade de fixar sentidos e ideologias, sendo necessário que novos espaços tragam as vozes que estão marginalizadas para que os direitos possam ser respeitados.

O conceito de liberdade de expressão que está indissociavelmente vinculado aos direitos públicos e às aspirações coletivas, sem qualquer subordinação a interesses privados ou ambições particulares, torna-se essencial para pluralizar os processos comunicacionais. (MORAES, 2016, p. 27)

Na compreensão de Peruzzo (2004, p. 67), o jornal pode ser caracterizado como uma mídia alternativa pelo trabalho desempenhado na denúncia e solução dos problemas da comunidade, pautas que tinham pouco ou nenhum espaço nos meios de comunicação tradicionais de Açailândia. Conforme a autora “democracia, no poder de comunicar, é condição para ampliação da cidadania”. Logo, o jornal *Nossa Voz* fortaleceu o exercício da cidadania e tornou-se espaço de resistência para Piquiá de Baixo.

Esse exercício da cidadania nos meios de comunicação é o gerenciamento dos atos públicos, diante dos aspectos sociais e econômicos. No periódico *Nossa Voz* havia

vários espaços discursivos para a população, entre eles a editoria de *Cultura*, uma página inteira destinada para os mitos teatros utilizando a representação dos impactos ambientais das siderúrgicas na população.

É importante ressaltar que grande parte das produções do jornalismo comunitário constituem materiais sobre direitos humanos e a chegada do acesso a esses direitos para a sociedade. No caso do jornal *Nossa Voz* a interpretação dos fatos dos jornalistas que faziam parte da construção dessas matérias era conhecer as razões das dificuldades enfrentadas e discutir possibilidades perante as ações conjuntas, problematizar os conflitos e dilemas vivenciados no cotidiano.

### **CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL**

Ao analisarmos a produção jornalística do *Nossa Voz* sobre Piquiá de Baixo, estamos contribuindo para a valorização da memória dos moradores, ou seja, para a memória coletiva. As notícias são pistas que ajudam a sociedade atual a compreender o contexto do passado, ainda relacionado ao presente, pois a luta dos moradores do bairro ainda está em curso, mesmo que as obras do reassentamento já tenham começado para a construção do novo bairro, o que ocorreu no final de novembro de 2018. Para Bosi (1994, p. 55), “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado”. Esse é caso do Jornal *Nossa Voz*, que retratou histórias de vida e promoveu a discussão dos problemas sociais.

Na construção de uma sociedade, principalmente, na elaboração de um jornal comunitário a partir dos acontecimentos sociais é necessário libertar a memória de cada pessoa, de cada urbanização. A história se faz com o presente a partir das percepções do passado. No entanto, a memória individual é uma manifestação singular do coletivo. Isso implica dizer, que para entender com propriedade determinado meio de comunicação, obviamente, precisamos enaltecer a construção de uma memória coletiva, foi o caso do Jornal *Nossa Voz* com a comunidade de Piquiá de Baixo, caracterizar um jornal comunitário é uma grande chance de reescrever nos veículos de comunicação a história de um determinado ciclo concêntrico.

Para Michael Pollack a memória é seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo é registrado. O trabalho do jornalista é orientar-se e interpretar os fatos para a elaboração de uma notícia a partir das perspectivas de vida de cada cidadão. Há estratégias no

---

jornalismo comunitário para lidar com essa construção de identidade, a memória social foi uma das técnicas mais aplicadas pelo Jornal *Nossa voz*.

[...] a memória é constituída por pessoas, personagens. Podemos aplicar o mesmo esquema, ao falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida. [...] Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLACK, 1992, p. 2)

Ao trabalharmos com a análise de um jornal que tinha apenas tiragens de 1000 exemplares a cada edição, era quadrimestral e que todo o processo de produção era custeado pelas ações da igreja e dos padres estamos dando, sem via de dúvidas, uma nova chance de construir a história, ou seja, estamos viabilizando os fatos para que futuramente sejam contínuas para outras retrações sociais. Com isso, o jornalismo faz parte da expansão da memória coletiva, atribuindo os fatos aos seus respectivos colaboradores sociais.

O bairro de Piquiá a cada dia, com toda resistência e luta, está ganhando mais visibilidade diante dos processos de comunicação alternativa. Por exemplo, a Rede Justiça no Trilho – criada em 2007 como objetivo de exigir compensações ambientais das políticas públicas a partir das instaurações das siderúrgicas e promover todas as pessoas que vivem às margens da Estrada de Ferro Carajás – tem sido o espaço mais favorável para dar lugar ao povo. Essa ONG atualmente assume o papel do jornalismo comunitário, que tem grande atuação dos habitantes do local e tamanha disponibilidade de retratar para a Rede Justiça nos Trilhos às condições situacionais.

O jornal *Nossa Voz* foi um dos principais meios de jornalismo para recriar a memória de Piquiá de Baixo, contribuiu para que os moradores compreendessem a logística da comunidade e toda sua história antes da chegada das siderúrgicas, durante e, proeminentemente, como será a vida dessas pessoas depois da construção do reassentamento.

Desde 2005, a Associação Comunitária dos Moradores do Piquiá (ACMP) tem se mobilizado frente a essas violações e encaminhado denúncias a distintos órgãos a respeito da grave situação decorrente dos altos índices de poluição. Depois de dez longos anos lutando para garantir uma vida digna a todos os moradores da comunidade,

no dia 17 de setembro de 2018 os representantes do bairro conseguiram uma liminar para o tão sonhado reassentamento. O novo bairro receberá o nome de Piquiá da Conquista, nome escolhido em votação popular, a verba destinada ao projeto de reassentamento é do programa Minha Casa Minha Vida e prevê a construção de 312 casas no novo território.

### **NASCE A VOZ DO POVO – JORNAL NOSSA VOZ**

A cidade de Açailândia-MA é um dos lugares mais desejados por siderúrgicas, justamente, por ter uma conexão ferroviária de grande acesso e uma boa localização para a fabricação de carvão e ferro. Desde os anos 1980 o bairro de Piquiá se vê na luta diária por condições básicas de sobrevivência – saúde e moradia digna. Ainda na década de 1980 sete siderúrgicas foram instaladas na cidade, interligando com as vias ferroviárias do estado do Pará. Desde então a população começou, de todas as formas, se mobilizar contra as políticas públicas e as grandes empresas.

A primeira movimentação foi à criação da Associação de Moradores de Piquiá (ACMP), fundada no ano de 2005. Surgiu no intuito de denunciar a gravidade da situação com os altos índices de poluição atmosférica, no mesmo ano nasceu o periódico *Nossa Voz*, que era produzido quadrimestralmente e custeado pela ação Comboniana – missionários da igreja católica. O impresso buscava por visibilidade diante do estado de calamidade ambiental, inicialmente, destinado ao bairro de Piquiá de Baixo, em Açailândia-MA. O slogan e as tiragens eram uma tradução dos jornalistas e missionários da igreja católica sobre as políticas públicas para essa comunidade.

Com o passar dos anos, especificamente em 2009, quando as siderúrgicas estavam ganhando cada vez mais espaço na cidade e nas áreas rurais, pelo ponto estratégico da Estrada de Ferro Carajás, a produção jornalística do *Nossa Voz* expandiu seu enfoque em outras áreas ao incluir notícias de povoados vizinhos.

O jornal, que era quadrimestral, tinha capa colorida, oito páginas e formato 13x18,5 (2006) e 13x18,5 (2010). Apresentava as seções *Editoriais*, *Notícias Metalúrgicas*, *Igrejas vivas*, *Coluna do Bocudo* e *Personagem em destaque*. Entre os anos de 2005 a 2008 o impresso tinha o seguinte slogan: “O primeiro jornal informativo de Piquiá”. A partir do ano de 2009, o impresso com base na necessidade de inserir outras localidades nas pautas foi definido como: “Jornal Informativo da Paróquia São João Batista”. Isso porque, as siderúrgicas estavam ganhando mais espaços na região de



Açailândia e expandindo-se em outros povoados como de Jacu, Jardim América, entre outros.

## ANÁLISE DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO

Na análise do conteúdo do jornal *Nossa Voz* elencamos as seguintes categorias de análise: enquadramento, fontes e gêneros jornalísticos. O impresso apresenta ter o **enquadramento** com base nas experiências humanas da comunidade. Em **fontes jornalísticas** verificou-se um papel importante de construir a veracidade do jornal e seus elementos cognitivos a partir da concepção de proximidade. E quanto aos **gêneros jornalísticos** destacam-se apenas o informativo e opinativo, embora o jornal trabalhasse muito com o interpretativo, mas em notícias que não faziam parte do ciclo de análises sobre Piquiá.

Analisando a estrutura ideológica da elaboração do Jornal *Nossa Voz* é perceptível que parte das notícias tem um enquadramento negativo diante da participação dos processos governamentais da cidade de Açailândia-MA em relação aos interesses econômicos e descaso das siderúrgicas com a população. Havia no jornal um caderno chamado *Direitos em dia*, que basicamente era um espaço que o periódico oferecia para as manifestações sociais da população, tinha como conteúdo o posicionamento do bairro Piquiá de Baixo em relação aos seus direitos constitucionais e à moradia digna.

Figura 1 – Crítica: manchete do caderno *Direitos em dia*



Fonte: Acervo digital – Joimp

Nota-se que a composição do periódico *Nossa Voz*, embora tivesse uma busca constante em denunciar os impactos ambientais e mostrar, detalhadamente, os riscos que Piquiá de Baixo e povoados vizinhos estavam passando, não existe entre os anos de 2007 a 2010 registros de fatalidades (mortes) apontadas no jornal. Isso se deve não pelas faltas de ocorrências de mortes, mas pelo fato de que os meios de comunicação alternativos não têm recurso financeiro para possíveis contra-acusações por parte das



siderúrgicas. Dessa maneira, essas mortes estavam nas entrelinhas das matérias em que o impresso deixava subentendido que as grandes causas de fatalidade eram essas indústrias.

O jornal *Nossa Voz* trabalhava abordando as políticas públicas e sua relação de interesse com as sete siderúrgicas instaladas em Açailândia-MA, mas fundamentado através das perspectivas do bairro. De acordo com as notícias sobre políticas públicas a maior aliada das movimentações econômicas da cidade de Açailândia-MA, a partir das percepções dos jornalistas e dos principais colaboradores (padres, pesquisadores e moradores) e o modo que era enquadrado nos textos jornalísticos do periódico, era a siderúrgica Gusa Nordeste. Isso porque a assessoria da Gusa, juntamente, com a prefeitura de Açailândia-MA contribuiu, por diversas vezes, com ligações externas e benefícios públicos. Havia comportamentos extramente contraditórios da siderúrgica Gusa Nordeste em relação aos bairros afetados, tratavam com descaso muitos fatores ambientais e em período sazonais, como períodos eleitorais, conduziam uma “falsa ideia de sustentabilidade”.

Como por exemplo, na edição de 1º de setembro do ano de 2008, no caderno *Direitos em dia*, foi publicada uma matéria sobre a Gusa Nordeste e sua apropriação dos meios cívicos da comunidade. Dados apontam que essa siderúrgica tinha participado de uma campanha no ano de 2008 com o governo de Açailândia para a conscientização do meio ambiente e parcerias com escolas públicas da região, onde foi destinado um prêmio ao melhor aluno que elaborasse redações sobre os impactos ambientais e como tratá-los, uma “propaganda e agenda ambiental” dessas grandes empresas.

Figura 2 – manchete do caderno *Direitos em dia* sobre a urgência do reassentamento



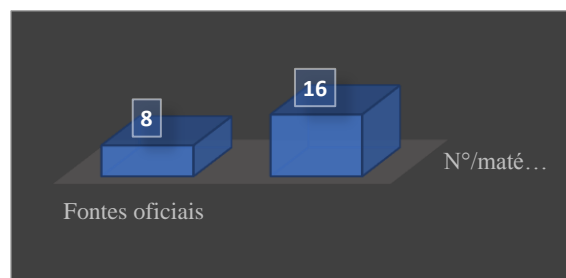
Fonte: Acervo digital - Joimp

A população da região se revoltou diante do falso posicionamento da siderúrgica, juntamente, com o apoio do governo de Açaílândia-MA e começou rapidamente uma luta emergencial, cujo jornal *Nossa Voz* foi o principal porta-voz do povo naquele momento de desespero e desmoralização social, conforme pode ser verificado na Figura 2. Nos processos colaborativos para o desenvolvimento da edição havia uma linha jornalística que buscava interpretar os fatos e resumir de forma simples e clara para que houvesse compreensão por parte dos consumidores do jornal – os moradores. O jornalista, coordenador da rede Justiça nos Trilhos e ex-colaborador do jornal *Nossa Voz*, Mikaell Carvalho afirma que o trabalho do jornalismo comunitário é ampliar a comunicação de pequenas comunidades e dar visibilidade aos processos sociais.

O que tentamos fazer na região de Carajás é atuar juntos das comunidades e fortalecê-las para que haja uma maior visibilidade dos casos e esses setores possam ser mais acessíveis. Isso é um problema que temos enfrentado, mas continuamos insistindo e buscando pautar as lutas comunitárias. É um trabalho diário<sup>8</sup>.

Entre os anos de 2007 a 2010 havia um acompanhamento das conquistas da comunidade e das reivindicações pelo impresso. Sobre a movimentação do jornal, observa-se que foram ao todo nove edições publicadas, por tratar-se de um jornal quadrimestral, e dentro dessas nove edições há um total de vinte e quatro matérias que retratam o bairro de Piquiá de Baixo e a luta diária por sobrevivência dentro das limitações em que as siderúrgicas o impuseram. O posicionamento do veículo fez com que as rotinas produtivas adotassem, principalmente, fontes jornalísticas colaborativas. Os moradores tinham um papel importante dentro do jornal *Nossa Voz*, pelo fato de contribuírem com pautas democráticas, diante das condições situacionais.

Gráfico 1 - Principais fontes jornalísticas

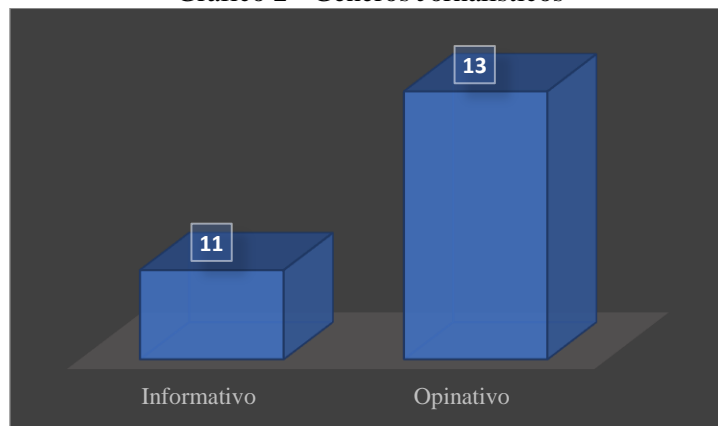


Fonte: produções analisada do jornal *Nossa Voz*.

<sup>8</sup>Entrevista concedida a autora Roseane Arcanjo, no dia 13 de setembro de 2018.

Percebe-se, no Gráfico 1, que as fontes oficiais (8) tivessem menos espaço no jornal do que as fontes não-oficiais (16) - composta por moradores, pesquisadores da região e missionários da igreja católica. De acordo com Schimitz (2010) essas fontes não-oficiais podem ser caracterizadas com base na classificação do autor, como testemunhal, por ter uma participação empírica no bairro de Piquiá. Levando em consideração que o jornalismo comunitário é voltado para os direitos da população, a composição de cada pauta havia um sistema editorial, entregue pelo próprio jornal, de gerar mais notícias categorizadas como *do povo* (espaço oferecido como ferramenta do exercício da cidadania).

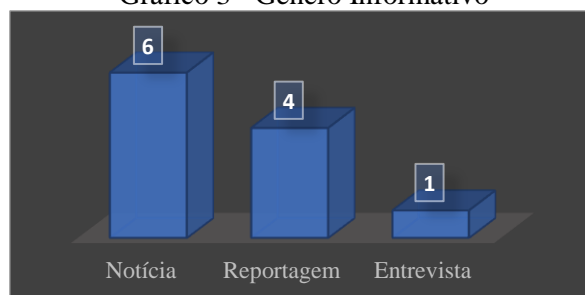
Gráfico 2 - Gêneros Jornalísticos



Fonte: produções analisadas do jornal Nossa Voz

Quanto aos gêneros jornalísticos, o Gráfico 2 apresenta a predominância de matérias opinativas, treze ao todo, embora os textos informativos tenham apresentado número próximo, onze, ficam em segundo lugar. Dados indicativos que o periódico priorizava o jornalismo opinativo. Esse fator está relacionado com a proximidade do jornal com movimentos sociais de Açailândia-MA e a publicação de notícias sobre questões sociais, ambientais e sindicais.

Gráfico 3 - Gênero Informativo



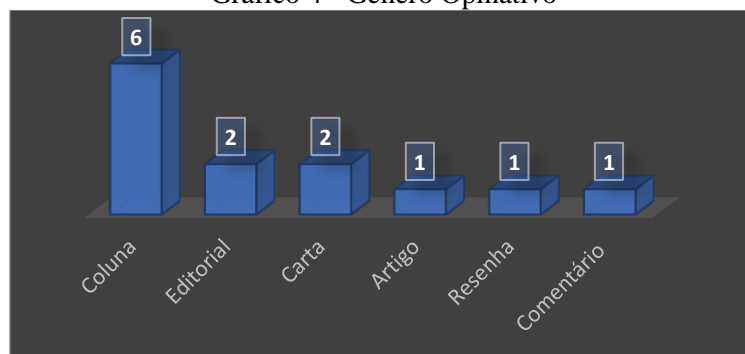
Fonte: produções analisadas do jornal Nossa Voz

Nas narrativas quanto ao gênero informativo, às notícias e reportagens aparecem com frequência: foram seis notícias e quatro reportagens. As notícias veiculadas tinham como principal temática as movimentações dentro de cada siderúrgica. Na coluna *Notícias siderúrgicas* as informações publicadas estavam relacionadas com as ações das siderúrgicas no local, principalmente economicamente e ambientalmente. Um exemplo é a edição de outubro de 2009 com a seguinte notícia: “Notícias siderúrgicas: Dois caminhões gigantes com capacidade de transporte de 400 toneladas chegam pelos trilhos até Carajás”. O objetivo do texto jornalístico era situar os moradores do bairro quanto à logística de cada produção de minério e todas as decisões de entrada e saída tomadas pelas siderúrgicas. Em certos casos para as empresas as comunidades passam a ser vistas como empecilhos para o desenvolvimento da região.

Quatro reportagens (4) se referem aos riscos ambientais e informações sobre a problemática das siderúrgicas no local. Essas reportagens eram compostas pelas falas dos moradores, representantes da missão Comboniana e alguns grupos de estudiosos como: médicos e assistentes sociais que desenvolviam um trabalho coletivo, para conscientização dos impactos ambientais e todos os problemas de saúde causados pelas siderúrgicas. Portanto, a ideia de trazer à tona as problemáticas da população e dar voz as frustrações do povo envolvia uma preocupação com as escolhas dos conteúdos para compor esse formato jornalístico.

Quanto à entrevista, entre os anos de 2007 a 2010 verificou-se apenas uma realizada com o padre Dario Bossi. Um sacerdote combonianos que movimentava de todas as formas possíveis às reivindicações contra as siderúrgicas e o descaso da prefeitura de Açailândia-MA com os bairros atingidos. Na entrevista o padre relata as situações das comunidades, as chegadas de grandes polos industriais e a emergência e grave violação de direitos humanos à flexibilidade de um programa governamental.

Gráfico 4 - Gênero Opinativo



Fonte: produções analisadas do jornal Nossa Voz

Conforme o Gráfico 2 o gênero opinativo predominava no jornal *Nossa Voz*. No Gráfico 4 verifica-se que nesse gênero estavam presentes as colunas (6), editorial (2), carta (2), artigo (1), resenha (1) e comentário (1). Entre os dois editoriais verificados no jornal, na edição publicada em junho de 2008, com o título *SIDERÚRGICAS: fumaça no ar e nas palavras*, há uma referência direta à instalação das empresas na comunidade e o enorme processo de poluição. A intenção era abordar as contradições estabelecidas pela siderúrgica Gusa Nordeste. Na mesma edição do jornal constatou-se um comentário da equipe do jornal em relação às diretrizes das siderúrgicas nos bairros: “Essas modernas empresas olham para o futuro, e isto é bom, mas deveriam antes saber consertar um passado desastroso” (JORNAL NOSSA VOZ, 2008, p. 1).

A *Coluna do Bocudo* era uma base do jornal, uma das colunas mais comentadas e não tinha um assinante fixo. Logo, todo final de edição a assinatura era do próprio jornal. Desenvolvia um trabalho abordando as premissas de uma resistência relacionadas ao número de denúncias ambientais. Normalmente contava histórias de vidas, incluindo ações sociais, personagens e todo contexto sobre a comunidade. Na mesma linha das produções do jornal existiam outros adicionais como: *Igrejas vivas* e *Personagem em destaque* – que tinham a intenção de mostrar a solidariedade das igrejas católicas e assistência em ajudar o bairro e os personagens, geralmente, eram os padres que faziam parte do ciclo de colaboradores sociais.

Com relação ao artigo presente no jornal, perante as análises dos gêneros jornalísticos há uma descrição direta sobre a opinião dos missionários da igreja sobre a saúde pública da comunidade e o pedido por socorro no espaço discursivo que o jornal cedia para a voz coletiva. As duas cartas encontradas fazia parte de uma carta aberta à cidade de Açailândia e as autoridades sobre a nova aciaria em construção no Piquiá e a única resenha do jornal a fazia parte de uma crítica dos jornalistas e médicos que apresentavam um conteúdo sobre a poluição em Piquiá feito por um pesquisador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que o jornal *Nossa Voz* destacava as notícias sobre Piquiá de Baixo predominantemente relacionada às desigualdades sociais a partir das situações em que as siderúrgicas os submetiam. Nesse contexto, configurou-se que o jornal era a linha de atuação para chamar a atenção da opinião pública, colaborando com o exercício da

cidadania, baseado nas problemáticas sociais, econômicas e ambientais dos bairros atingidos pelas indústrias. O jornal proporcionou a valorização da atuação coletiva e a transformação comunicacional da comunidade.

Entre o ano de 2007 a 2010, o impresso produziu a história da luta de Piquiá de Baixo, construindo relatos sociais sobre a chegada das siderúrgicas e a convivência dos moradores com a poluição. Caracterizando como jornalismo opinativo, o informativo atuava com a concepção de que a resistência faz sentido e que os meios de comunicação têm uma essencialidade para possibilitar espaços para as vozes marginalizadas. É importante ressaltar que a produção do jornal foi de suma importância para o trabalho coletivo da comunidade e a luta por saúde e moradia digna era o mais preservado na predominância do periódico. Outra questão abordada era o trabalho dos missionários e padres combonianos.

Das 24 matérias analisadas, percebe-se que 10 são caracterizadas como um serviço midiático ao povo. O impresso contava com a colaboração de movimentos sociais para a criação de conteúdo jornalístico e uma boa percepção do leitor, como coberturas jornalísticas dos movimentos teatrais que levava para as pautas de cultura a situação de caos vivida pelas comunidades. Essa forma de fazer comunicação popular tinha um bom alcance, a plateia sempre se via dentro das cenas apresentadas e isso facilitava a compreensão de toda a problemática sofrida por essas comunidades.

O impresso analisado ouvia as fontes ligadas ao poder público, como políticos e autoridades, que entra na concordância de fontes oficiais. Mas, todas essas fontes eram apenas para ter um equilíbrio seletivo do jornal. Embora as matérias geralmente os criticassem por conta das dificuldades enfrentadas. Havia uma predominância das fontes não-oficiais que era composta por moradores, os padres, médicos<sup>9</sup> e pesquisadores. O objetivo era ter uma discussão social dentro do jornalismo sobre as classes minoritárias e propagar o combate contra a violação dos direitos.

Entre os gêneros jornalísticos, o estudo mostrou que as publicações tinham mais matérias opinativas. Quanto ao gênero informativo, às notícias e reportagens mostram a importância de cobrir os fatos e orienta-se da atuação das siderúrgicas nos bairros, ou seja, o jornal concretizou a finalidade de dar espaço para as comunidades, especialmente para a problemática em Piquiá de Baixo.

---

<sup>9</sup> Referência aos mais médicos – programa que integra um amplo pacto de melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), que objetiva levar mais médicos para regiões onde há escassez e ausência de profissionais.

---

Destaca-se que o Jornal *Nossa Voz* utilizava os trabalhos dos missionários combonianos para a atuação no campo político, as histórias de vida dos moradores e todo o processo judicial diante do reassentamento para com as siderúrgicas eram retratados no impresso. Predominava os interesses de cunho opinativo dentro das suas produções e valorizou a atuação coletiva na transformação da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Coimbra: Almedina, 2011.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

COOK, Timothy E. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.6, 2011.

MARQUES DE MELO, José. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**, 2010.

MORAES, Dênis de. O papel da mídia na batalha ideológica da América Latina. **Observatório Latino-americano y Caribeño**. Buenos Aires, vol. 1, n.1, 2017.

PERUZZO, Cicília. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **Revista ECO-Pós**. Rio de Janeiro, v.12, n.2, maio-agosto 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SCHMITZ, Aldo Antonio, **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Combook, 2011.